

O “Homem” como vítima do mundo: *Angústia*, desamparo e solidariedade em Luís da Silva

“Mas” as a Victim of the World: *Angústia*, Helplessness and Solidarity in Luís da Silva

Guilherme Moraes

Universidade Federal de Alagoas (UFAL)

gm.p1390@gmail.com

<https://orcid.org/0009-0002-6615-1189>

Carolina Barbosa Lima e Santos

Universidade Federal de Alagoas (UFAL)

carolina.santos@fale.ufal.br

<https://orcid.org/0000-0002-1128-3670>

RESUMO: Este trabalho propõe uma investigação em torno da personagem Luís da Silva, de *Angústia*, romance de Graciliano Ramos. Para tanto, parte-se, aqui, de uma abordagem interdisciplinar voltada à análise da relação ser-consciência, ancorada nos estudos de Marx, Engels e Volochinóv; à problematização da relação entre o meio social e a formação do consciente e do inconsciente de um sujeito, assentada em teorias propostas por autores como Vigotsky, Leontiev e Freud; à investigação da concepção freudiana a respeito do trauma; e ao estudo do afeto a partir das perspectivas de Freud e Spinoza. Compreende-se que a personagem, por um lado, sofre a impotência comumente experienciada pela sua classe social e, por outro, expressa solidariedade às demais personagens da classe trabalhadora. Dessa maneira, a trajetória de Luís, em sua dinâmica e complexidade, configura o que se compreende, neste trabalho, como dialética da infelicidade.

PALAVRAS-CHAVE: Romance de 30; Literatura Brasileira do Século XX; Graciliano Ramos; *Angústia*; Modernismo.

ABSTRACT: This paper proposes an investigation of the character Luís da Silva, *Angústia's* protagonist, by Graciliano Ramos, a novelist from Alagoas, based on an interdisciplinary approach around the relationship between being and consciousness formulated by Marx, Engels, Bakhtin and Volochinóv; the problematization of the relationship between social environment, consciousness and unconscious proposed by the authors Vigotsky, Leontiev and Freud; the Freudian conception of trauma and the studies of Freud and Spinoza on affect. Based on these theoretical references, Luís da Silva was analyzed throughout the novel, concluding that he suffers due to the impotence characteristic of the class which

he belongs, while at the same time feeling empathy for the other members of this social group, configuring a dynamic named dialectic of unhappiness.

KEYWORDS: Romance of the 1930s; Brazilian Literature of the 20th Century; Graciliano Ramos; *Angústia*; Modernism.

Breves apontamentos sobre a relação entre o ser e a consciência

Ao refletir sobre sua própria maneira de ser, Luís da Silva, protagonista de *Angústia*, romance de Graciliano Ramos publicado em 1936, chega à conclusão: “tenho vivido em numerosos chiqueiros. Provavelmente esses imóveis influíram no meu caráter” (Ramos, 2011, p. 51). A relação entre o meio social e a formação do comportamento e da visão de mundo das personagens é algo recorrente na poética de Ramos. Paulo Honório, protagonista de *São Bernardo*, em uma tentativa de justificar a conturbada relação com sua esposa, Madalena, expressa um pensamento similar ao de Luís: “A culpa foi minha, ou antes, a culpa foi desta vida agreste, que me deu uma alma agreste” (Ramos, 2005, p. 117).

Essa estrutura de pensamento, que atravessa a obra de Ramos, tem bases filosóficas. No prefácio da *Contribuição à Crítica da Economia Política*, Marx, ao discutir a relação entre o ser social e a consciência, compreende que “não é a consciência dos homens que determina seu ser; ao contrário; é o seu ser social que determina a sua consciência” (Marx, 2008, p. 47). Volóchinov, em diálogo com Marx, complementa: “a consciência individual é um fato social e ideológico” (Volochinóv, 2018, p. 97). Isto é, para o estudioso, “a consciência individual não só é incapaz de explicar algo nesse caso, mas, ao contrário, ela mesma precisa de uma explicação que parta do meio social e ideológico” (Volochinóv, 2018, p. 97).

Se o meio importa, parecem-nos discutíveis certas compreensões do romance de Ramos, propostas por estudiosos como Filho e Gutemberg. Este atribui ao romance o retrato preciso, detalhista e admirável do que é o “homem alagoano” (Gutemberg, 2011, p. 297). Aquele observa que *Angústia* “documenta a desorientação do homem em face da vida. Documenta o sentido anti-humano da vida” (Filho, 2011, p. 244). Ambos os autores entendem o homem de maneira genérica, como uma abstração, desconsiderando a relevância da atmosfera social na formação do sujeito. Nesse sentido, artigos que compreendem Luís da Silva como uma personagem advinda da classe pequeno-burguesa maceioense soam mais adequados. Assim o fazem Jorge Amado (2011, p. 252), Murilo Miranda (2011, p. 262) e Hélio Pólvora (2011, p. 284), por exemplo.

Por que uma leitura atenta de *Angústia* exige esta observação? Partimos da ideia de que a classe social é um aspecto fundamental para a compreensão da personagem. Julião Tavares, assim como Luís da Silva, é um “homem alagoano” e, no entanto, não se observa nele qualquer “desorientação”. Todavia, não se pode dizer o mesmo de Moisés, seu Ivo, Vitória, Lobisomem e Marina, todas personagens da classe pequeno-burguesa ou trabalhadora de Maceió na década de 1930.

Vida traumatizada

Em seus estudos sobre o inconsciente, desenvolvidos a partir da psicologia histórico-cultural formulada por Vigotsky e Leontiev, entre outras referências, Santos e Leão (2012) e Martins (2016) problematizam a relação dialética entre o consciente e o inconsciente. Segundo Santos e Leão (2012, p. 638), “a diferença fundamental [no que diz respeito a outras correntes da psicologia] reside na necessidade de considerar o inconsciente em relação de dialeticidade com a consciência”. Em consonância com esses autores, Martins analisa a relação dialética entre tais elementos, o que pode, em alguns casos, transformar o consciente em inconsciente e vice-versa: “o psiquismo humano não se limita à sua vertente consciente, por isso é lícito considerar que o inconsciente é potencialmente consciente e vice versa” (Martins, 2016, p. 678).

O inconsciente pode ser definido como um elemento que, por ser não verbal, não produz um conteúdo claro (sentido), permanecendo, assim, oculto e escapando de um “controle consciente” (Martins, 2016, p. 678). Todavia, mesmo com a ausência de um conteúdo claro, o inconsciente atua “em nosso comportamento” (Santos; Leão, 2012, p. 638).

Desse modo, o conceito de sentido é fundamental para a compreensão da diferença entre o consciente e o inconsciente, bem como da relação estabelecida entre esses elementos e o meio social. Como explanado anteriormente, a psicologia vigotskiana pressupõe que a subjetividade é configurada a partir da atuação do sujeito no mundo (Santos; Leão, 2012, p. 639). Todavia, Leontiev (2004, p. 286) observa que o homem se apropria de modo singular (individual) da cultura de sua sociedade, o que pressupõe transformações no decorrer desse processo de apreensão (Santos; Leão, 2012, p. 644).

Volochinóv (2018, p. 311-312), Marx e Engels (2007, p. 53) compreendem que há uma mediação semiótica na relação dialética entre a linguagem e a produção de consciência. A proposta vigotskiana retoma isso, refletindo que nessa relação — objetividade, subjetividade e novamente objetividade — há também produção de significado, entendido por algo:

[...] socialmente construído. Ao modificar a realidade, os homens representam tais atividades em construções simbólicas que foram transmitidas para os demais membros da coletividade que, ao utilizá-las, as reconfiguram, até tornarem-se uma explicação social, comum, da realidade circundante [...] portanto, são objetivações que portam o movimento social, que os constituem como uma generalização cristalizada da realidade em uma representação simbólica, normalmente sob a forma de palavras ou conjunto de palavras (Santos; Leão, 2012, p. 642).

O sentido, por sua vez, “é construído tendo como base o significado, mas extrapola os limites” (Santos; Leão, 2012, p. 642), referindo-se “ao conjunto dos processos de pensamento e afetivos que permitem ao indivíduo uma representação própria da realidade a partir da atividade que ele realiza” (Santos; Leão, 2012, p. 642). Em meio a esse processo, no entanto, nem todos os elementos se tornam conscientes: a atribuição de sentido pessoal a um signo ou símbolo é compreendida como uma condição necessária para isso. Sendo assim, na relação dialética entre significado e sentido, a valoração individual — alicerçada em componentes emocionais ou afetivos — atua como um elemento fundamental para a “transmutação do inconsciente em consciente” (Santos; Leão, 2012, p. 643).

Partimos da compreensão do inconsciente como um elemento interno ao qual não foi atribuído um sentido, embora influencie o comportamento do sujeito, para propor uma análise de duas passagens de *Angústia*. Nelas, a personagem protagonista reflete sobre tópicos que pouco elabora. Esses tópicos, no entanto, influenciados pelo meio social, intervêm no seu comportamento e modo de ver o mundo.

A primeira encontra-se no início do romance. Ramos se vale de técnicas como o monólogo interior e o fluxo de consciência para desenvolver um longo devaneio, expresso de maneira aparentemente caótica por Luís da Silva. No decorrer de seu discurso, a personagem narradora salta de um tópico a outro antes de alcançar uma conclusão. Nele, são evocadas lembranças como o assassinato de Julião Tavares; o estado de espírito que lhe acometeu após o crime consumado; o trabalho alienante; saudades de Marina; memórias do passado e o pensamento em torno da própria morte. Após essa elucubração, vem à mente de Luís a expressão “Ditadura Militar” (Ramos, 2011, p. 25).

Em toda a obra, essa é a única vez em que a expressão é evocada, sem explicação e sem uma conexão imediata com o devaneio que, em sua continuidade, é atravessado por memórias da infância. “Ditadura Militar”, mais que um signo com sentido claro, associado a um determinado processo histórico-social, é utilizado de maneira simbólica. A vida sofrida da personagem — tomada pelo sentimento

de impotência, humilhação, “tristeza e raiva” — (Ramos, 2011, p. 22) a faz pensar em um regime opressor. O cerceamento de suas potencialidades humanas leva o protagonista, de modo inconsciente, a comparar sua experiência ao que costuma ser vivenciado em um regime autoritário, simbolizado em seu discurso pelo signo em questão. Luís atribui, portanto, uma valoração negativa a essa forma de regime e expressa o sentimento de viver encarcerado em si mesmo, o que talvez possa contribuir para explicar o seu anseio pela morte. Essa prisão o sufoca em uma profunda melancolia, em um sentimento que não pode ser processado de modo consciente em sua totalidade, o que afeta sua visão de mundo e sua relação com o Outro, assunto para a próxima seção.

A segunda passagem do romance que merece destaque expressa a percepção da personagem a respeito de sua própria solidão, experienciada sobretudo após a morte de seu pai: “tentei chorar, mas não tinha vontade de chorar. Estava espantado, imaginando a vida que ia suportar, sozinho neste mundo. Sentia frio e pena de mim mesmo” (Ramos, 2011, p. 31). A perda de seu último familiar, no entanto, não é o motivo de sua angústia. O que atormenta Luís é a ideia de permanecer sozinho em um mundo hostil. Para completar, a fragilidade das relações outrora estabelecidas entre ele, seus avós e seu pai dificultou o desenvolvimento de suas habilidades sociais: “sempre brinquei só” (Ramos, 2011, p. 27). Seu relato evidencia que a conduta em vida de seu pai impactou-o de forma profunda: “Quando eu não sabia nadar, meu pai me levava para ali [poço da Pedra], segurava-me um braço e atirava-me num lugar fundo. Puxava-me para cima e deixava-me respirar um instante. Em seguida repetia a tortura” (Ramos, 2011, p. 29).

Se isoladamente esse evento é configurado como um episódio potencialmente traumático, entendê-lo como símbolo de uma família disfuncional o torna ainda mais dramático. Luís não possui nenhuma lembrança positiva dos avós ou dos pais e não teve no seio familiar uma educação afetiva saudável. O menino sem família tornou-se o adulto sem amigos. Nesse sentido, Safatle (2018, p. 51) explana que, na perspectiva freudiana, o desamparo materializa-se quando o indivíduo se encontra em uma situação de vulnerabilidade e dependência do Outro, sem saber se este o responderá. Segundo o filósofo brasileiro:

Como a vida humana desconhece normatividades imanentes, a afecção originária [o desamparo] só pode ser, ao menos para Freud, a expressão da vulnerabilidade do sujeito no interior da relação com o Outro e da ausência de resposta articulada diante das exigências postas pela necessidade (Safatle, 2018, p. 51).

Conforme explana Safatle, o desamparo é associado à ideia de inadequação do sujeito frente àquilo que compreende como uma situação grandiosa de perigo ou excitação. Nessa perspectiva, o sentimento de inadequação contribui para o contorno traumático da situação experienciada pelo sujeito (Safatle, 2018, p. 52).

Nessa perspectiva, podemos compreender que a relação distante entre Luís e seu pai, somada à perda precoce de todos os seus familiares, foi para o protagonista uma situação traumática, desencadeando na personagem o medo da solidão. A solidão influencia, dessa maneira, tanto sua personalidade quanto sua interpretação de mundo. Ao longo da obra, no entanto, a personagem não reflete nem processa sua condição, isto é, a lembrança da solidão é desencadeada em meio a pensamentos confusos, como um elemento traumático. De acordo com Seligmann-Silva, o trauma pode ser conceituado como:

[...] [a] incapacidade de recepção de um evento transbordante [...] trata-se, aqui também, da incapacidade de recepção de um evento que vai além dos “limites” da nossa percepção e torna-se, para nós, algo sem-forma. Essa vivência leva posteriormente a uma compulsão à repetição da cena traumática (Seligmann-Silva, 2000, p. 84).

Nesse sentido, a conquista de Marina por Julião Tavares pode ser compreendida como outro episódio traumático para Luís. Esse evento, que culmina no assassinato, configura-se como o elemento motivador do texto romanesco. No capítulo em que Luís narra o assassinato, o protagonista expressa a carga neurótica da ação. Para analisá-la, é importante compreender que as neuroses traumáticas “são caracterizadas como fixação no momento do acidente traumático que está na sua base. Esses doentes repetem nos seus sonhos regularmente a situação traumática” (Freud *apud* Seligmann-Silva, 2002, p. 105).

A repetição da lembrança do crime aprisiona Luís do começo ao fim de *Angústia*. O aspecto traumático do episódio é configurado na narrativa por meio de suas frases entrecortadas, elipses, zigue-zagues de pensamento e saltos temporais que funcionam como estratégias estéticas utilizadas pelo romancista para dar forma à experiência inenarrável vivenciada pelo protagonista. Nesse sentido, Lúcia Helena Carvalho (1983, p. 25) aponta que “a narrativa de *Angústia* se oferece como reduplicação infinita de um mesmo acontecimento. O crime, ação nodular, atrai e irradia múltiplos episódios, micronarrativas que se superpõem, em forma de encaixes sucessivos no corpo da narrativa nuclear”. Desse modo, partindo da leitura de Seligmann-Silva e de Carvalho, compreendemos que a forma escrita

adotada por Graciliano Ramos em *Angústia* tem como objetivo apresentar — e convencer — aos leitores e às leitoras da obra a fragilidade psíquica em que se encontra Luís da Silva, figurando, assim, uma espécie de “estética do trauma”.

A tradução estética dessa incapacidade de verbalizar o trauma de maneira linear dialoga com o conceito de inconsciente formulado por Vigotsky. Nessa perspectiva teórica, o trauma é compreendido como a interiorização de um evento que o sujeito não pode verbalizar ou atribuir sentido, ainda que a situação vivenciada seja relevante a ponto de fazer com que o traumatizado se torne seu refém.

Partindo desse entendimento, é importante observar que as demais personagens — positivas ou negativas — são configuradas pelo viés de um narrador atravessado pelo trauma. Essa observação é importante, pois em um evento traumático perde-se a “capacidade de discernimento entre o real e o irreal” (Seligmann-Silva, 2000, p. 92), isto é, as impressões relacionadas às demais personagens, filtradas pela consciência de um sujeito traumatizado, podem ser ou não verdadeiras. Cabe observar, ainda, que o trauma é originado no mundo exterior. Embora pareça trivial, essa constatação é fundamental para a compreensão das camadas mais profundas da configuração psicológica de Luís da Silva, conforme evidenciado a seguir.

Em seus estudos sobre Baudelaire, Benjamin compreende o homem moderno como alguém que acumula “vivências estéreis” (Benjamin *apud* Seligmann-Silva, 2002, p. 110). Para o estudioso, a experiência da modernidade é a experiência do choque (Benjamin *apud* Seligmann-Silva, 2002, p. 111). A hipótese do filósofo alemão relacionada às “vivências estéreis” pode ser aplicada em *Angústia* quando observamos que não há, no romance, uma lembrança associada a um grande feito ou algo que desencadeie algum tipo de satisfação no protagonista. Quando pensa em seus próprios escritos, Luís avalia que essas produções “não prestam” (Ramos, 2011, p. 56); ao refletir a respeito da condição de estar arrodado por pessoas como Moisés, Pimentel e seu Ivo, não expressa nenhum prazer (Ramos, 2011, p. 57); Berta, primeira mulher com quem se relacionou, apesar de engraçada, loirinha, gordinha e ter uma voz suave, não lhe desencadeia nenhuma nostalgia (Ramos, 2011, p. 49); seu trabalho é lembrado como algo estúpido (Ramos, 2011, p. 25). Do privado ao público, a “vida sururu” de Luís é entendida pelo próprio como estéril. Vida estéril que o maltrata. Luís é um homem da classe pequeno-burguesa da década de 1930 que vive, por um lado, sob o signo da modernização tardia brasileira e, por outro, sob a frustração da burguesia diante da promessa de modernidade advinda das revoluções na Europa dos séculos XVIII e XIX.

Com efeito, internaliza-se no protagonista de *Angústia* os choques da modernidade e quando este perde para Julião Tavares a chance de casar-se com Marina, sofre de maneira mais íntima a relação desigual entre esses que tudo têm e tudo podem e aqueles que nada possuem e por isso sofrem. A usurpação da relação que Luís projetava com Marina, pelo herdeiro da Tavares & Cia, transporta-o para a experiência melancólica desencadeada pela morte de seu pai. Empurrado ao imobilismo e à mesmice solitária, o protagonista passa a compreender que o mundo é injusto por causa de figuras como Julião. O resultado é o trauma que desconcerta por completo Luís da Silva. Impelido a assassinar Julião Tavares, a consumação do ato condena a personagem central, submetendo-a a uma neurose traumática, da qual não consegue se libertar. A relação entre o meio social, o interior e o Outro, em Luís, é dolorosa. Desconhecedor do afeto familiar, sofredor da exploração de classe, refém das próprias dores e traumas, Luís expressa de modo simbólico como a relação entre o mundo exterior, a consciência e a produção de afetos pode ser degenerada quando um desses elementos é deturpado, influenciando negativamente os demais em um ciclo que se retroalimenta até que se despeje no Outro.

Luís e o Outro: A dialética da infelicidade

Na seção anterior, analisamos a situação traumática de desamparo vivenciada por Luís, bem como seu medo da solidão. Essa discussão, no entanto, merece mais atenção, dada sua relevância para a compreensão da personagem.

Ao pensar nas concepções de Hobbes e Hegel, Safatle (2018) percebe que para aquele o medo é o afeto primordial dos vínculos sociais. Por isso, esse afeto é compreendido como um elemento necessário para a construção de um Estado forte, capaz de administrar o sentimento coletivo de ameaça diante da possibilidade de que o Outro tome aquilo que lhe pertence. Freud, por sua vez, confere esse status ao desamparo. Essa diferença, segundo Safatle, é fundamental, pois separa Freud da concepção “concorrencial-individualista” (Safatle, 2018, p. 57) hobbesiana — homem como “lobo” do próprio homem. A compreensão em torno da ação política, além disso, deixa de ser limitada à ideia relacionada à gestão do medo social e passa a contemplar a possibilidade de transformação, acessível apenas aos sujeitos desamparados (2018, p. 50).

Ao analisar *Angústia*, Bueno (2006, p. 624-625) argumenta que o hábito de Luís “manter a distância” das demais personagens é “incômodo, mas agradável” ao protagonista, pois a condição de *voyeur* o traz tranquilidade. Discordamos dessa avaliação. Compreendemos que o movimento de abandonar o passado familiar,

viajar e se integrar em um novo contexto social expressa o sofisticado processo de formação da consciência e dos afetos da personagem.

Se há no desamparo um elemento potencialmente emancipador, reside nesse mesmo afeto a esperança relacionada à transformação e o medo associado à possibilidade de que a situação permaneça a mesma. “Não há esperança sem medo, nem medo sem esperança”, conforme explana Spinoza (Spinoza *apud* Safatle, 2018, p. 20).

O medo da solidão, ou melhor, de permanecer na solidão, impede Luís de se isolar por completo, ainda que isso não faça dele um companheiro generoso. A experiência traumática da infância, que resultou em sua condição solitária, aliada à “vida sururu” da fase adulta, sugere a Luís que a mudança de vida requer uma relação social e, mais especificamente, um casamento com Marina.

Todavia, a relação que Luís deseja estabelecer com a mulher desejada está eivada de uma visão de mundo (e do Outro) advinda de uma experiência de vida brutalizada. Luís expressa seu impulso sexual por Marina ao longo de todo o romance, conforme evidencia o trecho a seguir: “este pensamento esquisito — Marina despida, arrepiada, coberta de carocinhos — bole comigo durante alguns minutos” (Ramos, 2011, p. 27). Há uma passagem, por exemplo, em que o protagonista, deitado em sua espreguiçadeira, avista Marina:

De repente a franguinha surgiu dentro do meu reduzido campo de observação. Como disse, eu apenas enxergava uns dez ou quinze metros do jardim [...] Ótimas pernas. As coxas e as nádegas, apertadas na saia estreita, estavam com vontade de rebentar as costuras (Ramos, 2011, p. 69).

Luís não expressa, no entanto, admiração por outras qualidades de Marina. Com o tempo, o narrador deixa de se referir à moça como “franguinha”, como citado acima, para chamá-la de “frívola” (Ramos, 2011, p. 52). Após o episódio da traição, Marina passa a ser mencionada como “ratuína” (Ramos, 2011, p. 24).

Para Luís, a projeção de uma vida diferente requer a participação do Outro. Isso é evidenciado quando a personagem, em meio à crise instaurada em seu relacionamento, enfrenta a possibilidade de permanecer na solidão e pensa na datilógrafa com quem dividia a viagem diária de bonde: “Uma datilógrafa que me aparecia em toda a parte era bem engraçada. Bonitinha, olhos verdes e rosto de santa [...] se não tivesse sumido, é possível que a minha vida fosse hoje diferente” (Ramos, 2011, p. 101).

A esperança de Luís em ter uma vida diferente está vinculada à possibilidade de estabelecer uma relação com o Outro e, mais especificamente, uma relação de

casal. Essa, porém, é reiteradamente assombrada pelo pessimismo da personagem diante das dificuldades advindas de sua classe social, afinal, a datilógrafa também é uma trabalhadora, provavelmente vive uma situação financeira pior que sua e, talvez, projete a possibilidade de mudança de vida por meio de um casamento com um sujeito como Julião Tavares (Ramos, 2011, p. 101). Evidentemente, essas hipóteses relacionadas à datilógrafa são feitas por Luís. Se a personagem sonha com um burguês ou não, nós, leitores, jamais saberemos. O importante, aqui, é compreender que a projeção feita por Luís de uma vida diferente está vinculada ao Outro.

Vale destacar que as únicas figuras que incomodam o protagonista do início ao fim do romance fazem parte da classe burguesa, com destaque para Julião Tavares. Quando Luís escrevia uma coluna para o jornal, a presença de Moisés, Pimentel e seu Ivo não o incomodava (Ramos, 2011, p. 57). Os vagabundos criticados no início do romance — “há criaturas que não suporto. Os vagabundos, por exemplo” (Ramos, 2011, p. 21) — causam inveja ao protagonista no final do texto, devido às relações sociais que estabelecem entre si. Luís expressa o desejo, inclusive, de apresentar-se como um deles:

Os vagabundos não tinham confiança em mim. Sentavam-se, como eu, em caixões de querosene, encostavam-se ao balcão úmido e sujo, bebiam cachaça. Mas estavam longe. As minhas palavras não tinham para eles significação. Eu queria dizer qualquer coisa, dar a entender que também era vagabundo, que tinha andado sem descanso, dormido nos bancos dos passeios, curtido fome. Não me tomariam a sério (Ramos, 2011, p. 122).

Se a esperança de Luís está relacionada à possibilidade de estabelecer uma relação com uma mulher, sua possibilidade de mudança de vida está eivada de chances de fracassar, pois conforme explana Judith Butler, “o Outro é aquele que me constitui, mas também é aquele que me desampara” (Butler *apud* Safatle, 2018, p. 55). A perda de Marina desencadeia em Luís uma situação de desamparo que o conduz ao trauma relacionado à solidão. Se, por um lado, essa condição o faz reconhecer-se impotente para superar sua vida solitária, frustrando-o e angustiando-o ainda mais, por outro, serve como impulso para sua transformação, efetivada com o assassinato de Julião Tavares. Além da questão de classe social — Julião Tavares, representante da classe burguesa, ao conquistar a amada de Luís, impede o acesso do protagonista, representante da classe pequeno-burguesa, à felicidade — nota-se que a movimentação de afetos atua como elemento motivador desse homicídio. Assim, o trauma que provoca em Luís o medo da solidão e o mergulha na situação de desamparo acaba desencadeando o seu segundo trauma.

A tentativa e, consequentemente, a falha em superar essa situação por meio da violência coloca a personagem em um estado de neurose traumática.

É importante observar que, apesar do crime praticado, reside em Luís resquícios de esperança. Ecoa na personagem a lembrança de uma discussão com Moisés a respeito da possibilidade de uma revolução. Enquanto este defendia, de modo loquaz, a ideia revolucionária, aquele rebatia com opiniões fragmentadas, instáveis e numerosas.

Raramente discutíamos. O judeu cansava-se em dissertações longas, que eu aprovava ou desaprovava com a cabeça. Acontecia aprovar agora e reprovar depois. Quando bebia, tornava-me loquaz e discordava de tudo, só por espírito de contradição:

— História! Esta porcaria não endireita. Revolução no Brasil! Conversa! Quem vai fazer revolução? Os operários? Espere por isso. Estão encolhidos, homem. E os camponeses votam com o governo, gostam do vigário.

O que eu queria era convencer-me de que não tinha razão. Desejava que Moisés estirasse argumentos e seu Ivo se revoltasse (Ramos, 2011, p. 59).

O fato de agarrar-se à esperança, por mais frágil que essa seja, talvez explique o porquê de o ímpeto suicida da personagem não passar de um pensamento. Luís parece compreender que, por mais difícil que a vida possa ser, ainda há chances de transformação. Essa possibilidade, no entanto, exige confiança no Outro, como na passagem a seguir, em que o protagonista demonstra acreditar nas ideias de Moisés, um judeu revolucionário que vê na luta, ou seja, na ação coletiva, a possibilidade de mudar a realidade: “E eu acredito em Moisés, que não escora as suas opiniões com a palavra do Senhor, como os antigos: cita livros, argumenta. Prega a revolução, baixinho, e tem os bolsos cheios de folhetos incendiários” (Ramos, 2011, p. 38).

O sentimento que Luís expressa em relação a Moisés o difere de Alexandre Viana, personagem de *Ninho de Cobras*, romance de Lêdo Ivo, publicado em 1973. Assim como o protagonista do romance de Ramos, Alexandre é um membro da pequena-burguesia maceioense contemporânea ao regime de Getúlio Vargas. Frustrado com seu trabalho, Viana constrói o que Luís da Silva tanto deseja: a relação com uma mulher. Viana, no entanto, é assombrado pela imagem simbólica de um leão e um tigre encarcerados em “fétidas jaulas” (Ivo, 1980, p. 37) de um circo. Seu casamento não foi uma experiência suficientemente satisfatória para dissipar essa lembrança advinda da infância. Tampouco o nascimento de seu filho, fruto do seu casamento, e o relacionamento com Enaura, sua amante, foram suficientes para impedir seu ato suicida. Para a personagem de Ivo, a vida

é uma jaula, e ele, como os animais do circo, não poderia ser transformado por nada — nem pelo Outro, nem pela esperança. Por isso, o que resta é evadir-se. Seu suicídio é um ato de fuga.

A empatia pelas demais personagens é um aspecto importante na configuração de Luís da Silva, assim como em Alexandre Viana. Podemos notar essa característica no protagonista de Ramos em diversas passagens do romance: Luís expressa admiração por Moisés, dedica atenção à Vitória (Ramos, 2011, p. 134), preocupa-se em não assustar as crianças que brincam de furtar manga (Ramos, 2011, p. 151). Na passagem citada a seguir, por exemplo, a personagem evidencia a solidariedade que sente por Lobisomem e sua família: “Pobre do Lobisomem! Não tinha hora para sair, hora para chegar. Sempre só” (Ramos, 2011, p. 76).

Ao saber que Julião arranjava outra mulher, após engravidar Marina, Luís preocupa-se com a datilógrafa e uma das filhas do “Lobisomem”: “Descobri por acaso que Julião Tavares tinha feito nova conquista. Foram duas ou três palavras soltas na rua que me deram a revelação. Pensei numa das filhas de Lobisomem e na datilógrafa dos olhos verdes” (Ramos, 2011, p. 184).

Luís expressa solidariedade até mesmo por Marina, sobretudo quando descobre que a moça planeja abortar a criança. Isso não diminui, no entanto, a força dos afetos conflituosos — como raiva e rancor — que sente pela mulher ao longo da narrativa. Como observa Damelio, o protagonista manifesta um conflito afetivo em relação a outras personagens:

[...] é um protagonista com emoções combinadas, mas opostas: sente desejo e repulsa por Marina, dó e impaciência por Vitória, pena e desprezo por seu Ivo, empatia e desinteresse por Moisés, saudade e rancor do passado, piedade que resulta em ódio, sentimento de rebaixamento mas também brutalidade, inveja e raiva (Damelio, 2023, p. 14).

Vale notar, nesse sentido, que a empatia de Luís da Silva é orientada por um recorte de classe. É aos oprimidos, aos explorados pela classe dominante e aos humilhados pela “vida sururu”, que a personagem dedica afetos positivos, pois são esses quem lhe permitem manter um fiapo de esperança em meio ao desamparo e ao medo da solidão.

Condensando o analisado, concluímos que Luís da Silva é configurado pelo romancista como um pequeno-burguês que expressa empatia em relação aos membros de sua classe social, bem como aos sujeitos da classe trabalhadora. Sua vida solitária e sofrida, no entanto, marcou profundamente sua visão de

mundo e o impediu de desenvolver faculdades emocionais sofisticadas. Por isso, sua capacidade de se relacionar com o Outro foi prejudicada, ainda que haja na personagem o desejo de estabelecer uma relação afetiva com as demais. Sua percepção de mundo é excessivamente pessimista. Ao longo do romance, raras são as passagens em que Luís da Silva manifesta ter esperança. Entre o “otimismo da vontade” — o desejo/crença de que a realidade pode ser alterada para melhor — e o “pessimismo da razão” — uma visão melancólica e paralisante frente às desigualdades dessa realidade — conceitos formulados por Antonio Gramsci (1920), Luís está vinculado quase por completo à segunda perspectiva. Percebe-se nele uma evidente dificuldade de integração social, como expresso na passagem de seu encontro com os vagabundos (Ramos, 2011, p. 122). O protagonista vive, portanto, no limite tênue entre o desejo de se integrar e evadir (Ramos, 2011, p. 23).

A personagem, além disso, espera muito do Outro (amor de Marina, coragem de Moisés, respeitabilidade enquanto literato pela comunidade), mas é incapaz de retribuir na mesma medida, o que corrobora seu permanente estado de frustração. Ademais, todos aqueles de quem Luís espera algo são eles mesmos submetidos a uma “vida sururu”, sendo, portanto, sujeitos atravessados por seus próprios traumas, desamparos, medos e esperanças. Em uma comunidade cujos membros são vítimas de um trabalho alienado e vivem submersos em um mundo traumatizado e traumatizante, é de se esperar que as relações de afeto sejam degeneradas, fragmentadas e impotentes, no sentido pensado por Spinoza. Romper tal condição não é tarefa simples, posto que os afetos, assim como as consciências individuais, são formados na materialidade, isto é, são mediados pelo mundo. Dessa dinâmica, surge o que compreendemos como a dialética da infelicidade.

Chamamos de dialética da infelicidade o processo histórico e social — formado por condições materiais marcadas pela exploração, pela precariedade e pela humilhação — produtor de subjetividades atravessadas pelo trauma, pelo desamparo e por afetos predominantemente impotentes. Essas subjetividades, ao agirem no mundo e estabelecerem relações entre si, tendem a reproduzir vínculos afetivos degradados, práticas fracassadas de transformação e formas de sofrimento que não apenas não superam as condições que os geraram, como contribuem para reforçá-las, fazendo com que a infelicidade circule e se retroalimente entre o mundo social, a consciência individual e a vida afetiva.

Todavia, tal fenômeno não implica um determinismo absoluto na relação Eu–Outro–Mundo: configura-se, antes, como uma tendência. Partindo da concepção freudiana acerca do desamparo como afeto primordial, que abriga, entre outros,

o medo e a esperança — afetos expectantes e complementares —, podemos compreender que o medo, quando se torna dominante, constrange a potencialidade transformadora da esperança e produz uma forma de apatia no sujeito. Nesse caso, além de as relações de produção e as construções superestruturais permanecerem as mesmas, a própria sociabilidade é alienada de sua capacidade de funcionar como meio de reconhecimento recíproco. Em outras palavras, em vez de se apresentar como possibilidade de emancipação e felicidade humana, esse afeto se volta contra o indivíduo, que passa a acumular os signos da tristeza, da melancolia e do trauma. Por outro lado, quando a esperança é predominante — no romance de Graciliano, tal possibilidade se apresenta apenas no plano hipotético, isto é, na cosmovisão de Moisés e no desejo de Luís da Silva de que as ideias do amigo influenciassem os demais membros das classes oprimidas —, opera de modo a viabilizar uma nova percepção de mundo e abre a oportunidade para a formação de uma consciência menos traumatizada, capaz enfrentar erosões de vínculos relacionais. Este segundo cenário favorece a criação de novas linguagens e de outras formas de relação entre Eu, Outro e Mundo. Sob esse prisma, é possível concluir que o mesmo mundo responsável pela dialética da infelicidade produz também os germes de sua superação.

A esperança de Luís em ter uma outra vida ao lado de Marina desmorona quando Julião atravessa a relação do casal. Posteriormente, o assassinato de seu rival não lhe trouxe conforto; mergulhou-o ainda mais profundamente em um estado de solidão. No entanto, “para aquele que está entre os vivos há esperança (porque é melhor o cão vivo do que o leão morto)” (Eclesiastes, 9:4), como diria conhecida passagem de *Eclesiastes*. Por isso, compreendemos que a condição da personagem não precisa ser eterna.

Conclusão

A complexidade das obras de Graciliano Ramos é amplamente conhecida. Para Bosi (2015), tais obras são “romances de tensão crítica”, em que o “herói opõe-se e resiste ‘agonicamente’ às pressões da natureza e do meio social, formule ou não em ideologias explícitas, o seu mal-estar permanente” (Bosi, 2015, p. 361).

Entre as personagens construídas pelo romancista, o protagonista de *Angústia* se destaca, Candido o considera o “mais dramático da moderna ficção brasileira” (Candido, 2006, p. 47). Somos informados acerca de sua infância, tanto no aspecto público (situação econômica) quanto privado (relação familiar). Sabemos sobre a vida de cigano que levou após a morte do pai, quando pediu esmolas para escapar

da fome e foi preso por conta de suas posições ideológicas. Por fim, conhecemos a vida que leva aos 35 anos, na condição de funcionário público e colunista de um jornal de Maceió, na década de 1930. Essas informações, relatadas pelo próprio Luís após o crime que cometera, possibilitam-nos penetrar na alma da personagem.

A proposta deste trabalho foi abraçar essa complexidade por meio de uma abordagem interdisciplinar que envolvesse análise literária, sociológica, psicológica e filosófica, relacionando conceitos como classe social, relação ser-consciência, relação consciente-inconsciente, traumas e afetos, visando alcançar uma leitura aprofundada em torno da figura de Luís da Silva.

A problematização dos conceitos mencionados, desenvolvida a partir de uma abordagem dialética, leva-nos a compreender que a personagem experiencia o que foi aqui denominado dialética da infelicidade. Essa leitura parte de um diálogo com os estudos de Benjamin e Freud a respeito do caráter traumático do mundo moderno e das condições de classe atravessadas em cada sujeito. Procuramos compreender como esses fatores atuam na formação da consciência individual do sujeito e na sua capacidade de estabelecer uma relação com o Outro.

Nesse sentido, observamos que a “vida sururu” de Luís formou sua consciência de modo pessimista e o impediu de desenvolver as faculdades emocionais necessárias para que a personagem pudesse se relacionar com o Outro. O protagonista vive, por isso, no limite tênue entre a tendência a isolar-se e o desejo de permanecer em comunidade, os sentimentos de empatia e de desprezo, os afetos do medo e da esperança. Seu desamparo o coloca em uma condição cíclica aqui compreendida como dialética da infelicidade.

A dialética da infelicidade pode ser associada ao medo que se sobrepõe à esperança e conduz o sujeito ao imobilismo diante das relações de afeto e produção. Essas, no entanto, podem ser ressignificadas a partir de uma nova forma de enxergar a si, ao Outro e ao meio. Embora essa não seja uma tarefa fácil nos tempos atuais, é possível configurar outras formas de apreender o mundo, desde que os milhares de Luís da Silva se organizem e construam coletivamente um outro tipo de sociabilidade, em que suas famílias não se despedem, como acontecera com a do protagonista, e cuja atmosfera não viabilize a criação de figuras como Julião Tavares. Nesse horizonte, caso o desejo expresso por Luís da Silva — isto é, seu anseio de que as ideias revolucionárias de Moisés ganhassem corpo na materialidade e acendessem uma fagulha de esperança nos corações de seu Ivo, de Marina, de Vitória, da datilógrafa e das demais personagens exploradas e oprimidas de *Angústia* — pudesse ser satisfeito, o cenário de desigualdade

estruturante do modo de produção capitalista seria desestabilizado. Além disso, a visão de mundo pessimista, traumatizada e ressentida do protagonista poderia ser atravessada por afetos capazes de viabilizar um modo de existência menos melancólico e, quem sabe, até feliz.

REFERÊNCIAS

- AMADO, J. Resenha. In: RAMOS, G. *Angústia*. Rio de Janeiro: Editora Record, 2011. p. 252-253.
- BÍBLIA. *Eclesiastes*. Disponível em: <https://www.biblionline.com.br/acf/ec/9>. Acesso em: 8 abr. 2025.
- BOSI, A. *História concisa da literatura brasileira*. São Paulo: Cultrix, 2015.
- BUENO, L. *Uma história do romance de 30*. Campinas: Editora UNICAMP, 2006.
- CANDIDO, A. *Ficção e confissão*. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2006.
- CARVALHO, L. H. *A ponta do romance: uma interpretação de Angústia de Graciliano Ramos*. São Paulo: Ática, 1983.
- DAMELIO, T. Y. *Afetos, conflitos e linguagem em Angústia, de Graciliano Ramos*. 2023. 98 f. Dissertação (Mestrado em Letras) — Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2023.
- FILHO, A. Angústia. In: RAMOS, G. *Angústia*. Rio de Janeiro: Editora Record, 2011. p. 240-245.
- GRAMSCI, A. *Discorso agli anarchici* (L'Ordine Nuovo, 3-10 aprile 1920). Disponível em: <http://www.nuovopci.it/classic/gramsci/dianarc.htm>. Acesso em: 7 abr. 2025.
- GUTEMBERG, L. Luís da Silva somos nós. In: RAMOS, G. *Angústia*. Rio de Janeiro: Editora Record, 2011. p. 297-303.
- IVO, L. *Ninho de Cobras*. Rio de Janeiro: Editora Record, 1980.
- LEONTIEV, A. *O desenvolvimento do psiquismo*. São Paulo: Centauro, 2004.
- MARTINS, L. M. A dinâmica consciente/inconsciente à luz da psicologia histórico-cultural. *Revista Ibero-Americana de Estudos em Educação*, Araraquara, v. 11, n. 2, p. 679-689, 2016. DOI: 10.21723/RIAEE.v11.n2.p.678. Disponível em: <https://periodicos.fclar.unesp.br/iberoamericana/article/view/8541>. Acesso em: 4 fev. 2026.
- MARX, K. *Contribuição à crítica da economia política*. Tradução e introdução de Florestan Fernandes. São Paulo: Editora Expressão Popular, 2008.
- MARX, K.; ENGELS, F. *A ideologia alemã*. Organização, tradução, prefácio e notas de Marcelo Backes. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira, 2007.
- MIRANDA, M. Angústia é um conforto. In: RAMOS, G. *Angústia*. Rio de Janeiro: Editora Record, 2011. p. 262-263.
- PÓLVORA, H. O anti-herói trágico de Graciliano Ramos. In: RAMOS, G. *Angústia*. Rio de Janeiro: Editora Record, 2011. p. 284-289.

RAMOS, G. *Angústia*. Rio de Janeiro: Editora Record, 2011.

RAMOS, G. *São Bernardo*. Rio de Janeiro: Editora Record, 2005.

SAFATLE, V. *O Circuito dos afetos*: Corpos Políticos, Desamparo e o Fim do Indivíduo. São Paulo: Cosac Naify, 2018.

SANTOS, L. G.; LEÃO, I. B. O Inconsciente Sócio-histórico: Notas sobre uma Abordagem Dialética da Relação Consciente-Inconsciente. *Psicologia & Sociedade*, v. 24, n. 3, p. 638-647, 2012. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/psoc/a/WkRZMbTb3wVmypJ8kMS9Wfh/?lang=pt>. Acesso em: 22 jan. 2026.

SELIGMANN-SILVA, M. A História como Trauma. In: NESTROVSKI, A.; SELIGMANN-SILVA, M. (org.). *Catástrofe e representação*: ensaios. São Paulo: Escuta, 2000.

SELIGMANN-SILVA, M. Literatura e trauma. *Pro-Posições*, Campinas, v. 13, n. 3, p. 103-118, 2002. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/proposic/article/view/8643943/11399>. Acesso em: 22 jan. 2026.

VOLOCHINÓV, V. *Marxismo e filosofia da linguagem*: problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem. Tradução, notas e glossário de Sheila Grillo e Ekaterina Vólkova Américo. São Paulo: Editora 34, 2018.

Recebido em: 27/11/2025

Aceito em: 29/01/2026

